
A UTILIZAÇÃO DE MODALIDADES ESPORTIVAS COMO EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

ALCYR ALVES VIANA NETO

Resumo: para muitos, o esporte é sinônimo de Educação Física, e isso é uma prática constante em várias escolas, pois são utilizadas modalidades esportivas como disciplina e não como um dos conteúdos da Educação Física. Este artigo é fruto de uma pesquisa que vem mostrar a problemática desta prática no segundo segmento do ensino fundamental em uma escola particular de Goiânia.

Palavra-chave: esporte, Educação Física, desenvolvimento

Observa-se no mundo atual um fato estimulador da competitividade entre as pessoas. Infelizmente, a Educação Física também vem contribuindo para essa mentalidade, visto que hoje em dia parece assumir um caráter de treinamento ou adestramento do movimento corporal (SANTIN, 1987). Na escola pesquisada, não é diferente e, por este motivo, as aulas de Educação Física passaram a ser verdadeiros ambientes de treinamentos de equipes que objetivam transformar os alunos em ‘máquinas de rendimento’, visando melhores resultados em competições internas e externas.

Os profissionais da área de Educação Física, por volta das décadas de 1960 e 1970, confundiram a Educação Física

com o Esporte, em virtude de políticas que serviram naquela época para tirar proveito próprio, diante da falta de critérios da área que serviu a interesses obscuros. Assim, o Esporte, acompanhado pela pedagogia tecnicista que vigorava na época, encontrara um campo fértil na escola, mesmo nas séries iniciais do ensino fundamental (KUNZ, 2001).

De acordo com Medeiros (1998, p. 25), a Educação Física, nessas condições,

[...] assume, sem a menor dose de crítica, a missão de treinar o indivíduo a executar determinada tarefa e passa a consumir a idéia de educar como sinônimo de adestrar. Por influência direta do positivismo e por direcionamento do tecnicismo, passa a perceber o corpo como uma máquina capaz de produzir trabalho.

O homem é capaz de executar variadas formas de movimentos, e isso se dá graças à sua evolução ao longo dos anos. Essa evolução pode ser trabalhada na Educação Física escolar por intermédio de expressões corporais como:

[...] dança, jogos, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímicas, e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem historicamente criados e culturalmente desenvolvidos (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

Mas não é isso que temos visto na Educação Física escolar, não há uma variedade de conteúdos e, sim, práticas esportivas e, muitas vezes, apenas uma modalidade oferecida como conteúdo aos educandos.

Soler (2003, p. 89) afirma que “o aluno tem o direito de conhecer toda cultura corporal de movimento, formar sua bagagem motora, para no futuro escolher o que quer praticar”.

Esta pesquisa consiste num estudo de caso realizado em uma escola particular na cidade de Goiânia (GO), nos meses de fevereiro a junho de 2005. E o que motivou esse pesquisador a realizar o trabalho foram os problemas apresentados pelos educandos do sexo

feminino, que escolhem a modalidade de voleibol para praticá-lo durante dois bimestres no ano. A metade da turma feminina pratica o voleibol no 1º e 3º bimestres, e o segundo grupo, no 2º e 4º bimestres. O grupo que não está fazendo o voleibol passa para outro professor para fazer o handebol. E os problemas apresentados pelas alunas no voleibol vão desde o retardamento motor, fraca habilidade desportiva em relação aos fundamentos básicos, desmotivação de uma parcela significativas de alunas, especialmente na 7ª e 8ª séries, até a forma de tratamento que algumas alunas, com boa habilidade desportiva, dão às outras, com dificuldades motoras.

Para fundamentar a pesquisa, buscou-se o referencial teórico de autores de grande importância na Educação Física, como Matheus (1980), Tani *et al.* (1988), Tubino (1996), Medeiros (1998), Kunz (2001), De Rose Jr. (2002), Guirardelli Jr. (2003), Bojikian (2003), Castellani Filho (2003) e vários outros que, juntos, vêm dando grande contribuição para a produção científica e melhoria do trabalho docente.

O objetivo principal desta pesquisa é criar uma maior reflexão sobre a forma de trabalhar a Educação Física escolar da 5ª a 8ª séries e sobre o trabalho de formação de atletas nas aulas de Educação Física escolar.

Esta pesquisa de característica qualitativa utilizou a observação dos fundamentos de voleibol (toque, manchete e saque por baixo) para 5ª e 6ª séries e (toque, recepção e saque por baixo) para as turmas de 7ª e 8ª séries.

A amostragem foi composta pelo seguinte número de alunas em cada série: 40 na 5ª série, 26 na 6ª série, 35 na 7ª e 20 na 8ª série. E o processo de escolha se deu com todas as alunas do sexo feminino do segundo segmento do ensino fundamental.

Foi utilizado o coletivo na modalidade para observação do desempenho de domínio dos fundamentos na dinâmica do jogo. Utilizou-se uma entrevista com os discentes sobre assuntos relacionados com a modalidade.

Pelos dados coletados, observa-se que há necessidade de algumas mudanças em relação ao esporte trabalhado na Educação Física, para que ela possa ter seu valor como disciplina pedagógica, comprometida com a formação de todos os educandos e não apenas com aqueles que têm o dom e a inteligência para práticas desportivas, como afirma o professor Gardner (2005) da Univer-

sidade de Harvard (EUA). Ele resumiu em sete as principais inteligências, inclusive a inteligência corporal: consciência e sensibilidade corporal, habilidade nos esportes e alto grau de motricidade e coordenação.

Acredito que o esporte deva ser iniciado na escola, em razão de atingir um número grande de crianças. Tubino (1996) confirma a idéia ao dizer que o desporto escolar é a manifestação esportiva que ocorre no âmbito escolar para o desenvolvimento integral do indivíduo como ser autônomo, democrático e participativo, contribuindo para sua cidadania.

Um outro teórico afirma que a prática do esporte na escola não é satisfatória somente aos educandos, mas conveniente a todos da sociedade: comunidade escolar, comunidade em geral e pais (DE ROSE JR., 2002).

Para Tani *et al.* (1988), a importância do desporto na escola não está apenas em proporcionar movimentos que desenvolvam habilidades específicas, mas consiste em oferecer um patrimônio cultural da humanidade, já que uma das funções da escola está na transmissão da cultura.

O esporte é um conteúdo possível de ser trabalhado nas aulas de Educação Física escolar, desde que o professor tenha um amplo entendimento da tarefa que pretende desenvolver e não limite a cultura corporal das crianças pelos movimentos estereotipados de modalidades esportivas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O voleibol é uma modalidade complexa, pois são muito poucos os movimentos naturais em seus fundamentos, ao passo que no handebol e no basquetebol há os movimentos naturais como correr, saltar e arremessar. No voleibol, os movimentos são muito técnicos, e jogar esta modalidade requer um bom domínio da técnica, mesmo sendo um simples jogo voltado para o lazer. Rezende (1992) comenta que qualquer modalidade esportiva requer boa coordenação motora, e ter prazer em vivenciá-la, fazer o educando gostar do voleibol, é um começo importantíssimo. Deve-se investir na aquisição das técnicas corretas de execução dos gestos básicos, pois isto fará aumentar a eficiência e, conseqüentemente, o prazer de quem o pratica.

Em todas as turmas pesquisadas, as alunas que apresentaram melhores resultados e condições de participar da aplicação desportiva (coletivo) são as que fazem treinamento. Nas turmas de 5ª série, 45% apresentavam condições de participar do jogo de voleibol, e 55% apresentaram dificuldades motoras e nenhuma condição de participação em um simples coletivo. Isso é esperado na 5ª série, já que a melhor idade para iniciar o aprendizado esportivo é a dos 10 aos 12 anos (TANI *et al.*, 1988).

Mas, os problemas apresentados se repetiram nas demais séries, como é o caso da 6ª série, em que apenas 42,3% apresentaram condições, e os outros 57,7% apresentaram dificuldades motoras e nenhuma condição.

Nas turmas de 7ª série, 61,5% apresentaram condições de participar do jogo, e 38,5% não apresentaram qualquer condição.

Nas 8ª séries, 42% têm condições de prática desportiva, e 58%, além do desestímulo, não tinham condições de participação.

O que chamou a atenção deste pesquisador é que, de todas as alunas em condições de participar de uma simples partida de voleibol – com rodízio simples, saque por baixo e sem cobrar com rigor detalhes técnicos, como dois toques e condução de bola –, 96% delas fazem ou já fizeram escolinha e treinamento de voleibol, por mais de seis meses.

Como já abordado, é normal as crianças, na 5ª e até na 6ª séries, apresentarem alguma dificuldade quando se iniciam num jogo, mas na 7ª e 8ª séries já era para haver alguma melhora, já que o esporte é o conteúdo primordial nas aulas de Educação Física desta instituição de ensino. Contudo, apenas 4% de alunas que não fazem escolinhas e treinamentos tinham condições de jogo. Elas alegaram que brincavam nos clubes e nos prédios. Na turma de 7ª série, que apresentou um número maior de alunas em condições de jogo, 100% dessas alunas fazem ou fizeram treinamento e escolinhas.

Então, como as alunas tinham passado pela iniciação desportiva desde a 5ª série, não poderiam apresentar melhores resultados? Ou será que a grande maioria dessas crianças tem dificuldades, por uma formação motora deficiente na educação infantil e no primeiro segmento do ensino fundamental? Seria pelo fato de as aulas acontecerem apenas uma vez na semana, mesmo que fossem aulas geminadas? Ou seria por fatores genótipos? A falta da continuidade no processo de aprendizagem motora dos

fundamentos também poderia ser uma causa, já que as alunas não chegam à automatização dos movimentos específicos da modalidade, pois precisam passar para outra modalidade. Barbanti (2005) afirma que só há aprendizagem quando houver a automatização dos movimentos.

Há material didático, professores especializados, infra-estrutura, então o que está faltando para que o trabalho tenha maior qualidade? Com base nos referenciais teóricos e com a experiência adquirida durante vários anos de atuação no desporto escolar, pode-se afirmar que a falta de maior número de aulas na semana, de forma alternada, para que haja maior aprendizado dos fundamentos por meio de uma seqüência pedagógica bem planejada e inclusiva, é com certeza uma das causas. Mas a falta de maior desenvolvimento motor até os sete anos é uma das principais causas das dificuldades que as crianças têm no aprendizado da modalidade, já que não há professores especialistas na educação infantil e, no primeiro segmento do ensino fundamental, o número de aulas também não é suficiente para um bom desenvolvimento motor.

Se a existência de um desenvolvimento hierárquico é aceita, isto significa que as habilidades adquiridas nos primeiros anos de vida formam a base para a aprendizagem posterior de tarefas mais complexas. Além disso, se habilidades básicas são adquiridas até os seis a sete anos de idade, após este período, provavelmente nada do que nós aprendemos é totalmente novo (TANI *et al.*, 1988).

A própria separação de homens e mulheres traz prejuízo maior para o sexo feminino. Segundo Castellani Filho (2003, p. 59), “[...] a idéia dominante da superioridade masculina sobre a feminina [...] é calcada essencialmente em determinantes socioculturais e não biofisiológicos”.

A separação de atividades físicas de homens e mulheres é, segundo o mesmo autor,

oportunizar aos homens maiores possibilidades de se desenvolverem em destrezas físicas, acabaram por reforçar o pensamento dominante acerca do papel da mulher na sociedade brasileira, qual seja, aquele que, ao ventilar a urgência de prepará-la fisicamente para a maternidade, estigmatizou sua imagem, associando-a quase que somente à idéia de mãe (CASTELLANI FILHO, 2003, p. 60).

Durante as aulas de Educação Física na referida escola, observou-se que as alunas com maiores habilidades não tinham virtudes como cooperação, solidariedade e respeito ao próximo, dificultando, dessa forma, a socialização das crianças com dificuldades no processo ensino-aprendizagem.

A Educação Física escolar tem uma grande missão no contexto escolar. Um de seus objetivos é desenvolver “atitudes e conceitos, como participação, cooperação, solidariedade, autonomia, criatividade, fraternidade” (SOLER, 2003, p. 44). E essas qualidades estão quase ausentes no corpo discente, como se observou nas aulas de Educação Física.

Este mesmo estudioso destaca que existem subtemas que estão ou deveriam estar presentes no trabalho de Educação Física:

Aspectos motores, divididos em: Locomoção: andar, correr, saltar, desviar, rolar, girar, abaixar, levantar, contornar, subir, descer etc. Manipulação: segurar, lançar, chutar, bater, rebater, equilibrar, torcer, apertar, afrouxar, tocar etc. Desportivos: desarmar, driblar, fintar, cabecear, passar, finalizar, conduzir, antecipar etc. Aspectos Afetivos: cooperar, solidarizar-se, organizar grupos, discutir temas, competir, construir regras, altruísmo, agressividade, fraternidade, confiança, frustração, realização etc. Aspectos Intelectuais: táticas, diálogos, teorias, textos, tomada de consciência, imitações, planejamento etc. (SOLER, 2003, p. 47).

De acordo com os dados coletados, percebe-se que há necessidade de mudanças na Educação Física escolar. Elas devem objetivar uma disciplina de caráter pedagógico, inserida no Projeto Político Pedagógico como uma disciplina de grande valia na formação dos educandos.

A Educação Física vem trilhando caminhos em busca da sua validade e identificação. Tem um papel de grande importância na educação do cidadão brasileiro, ela não pode fixar-se apenas como uma disciplina de caráter lúdico, recreativo, na formação de indivíduos que tenham prazer em realizar atividade física. Ela tem especialmente grande importância no contexto social e não pode perder a sua missão pedagógica de apoio e auxílio para as modificações sociais. Os professores de Educação Física precisam lutar

para que haja maior valorização da disciplina. É preciso mostrar a grande potencialidade educativa que se oculta em suas práticas (MEDINA, 2002).

A preocupação desse pesquisador vem ao encontro do que Neira (2003, p. 37) afirma:

[a Educação Física só chegará a ser uma disciplina reconhecida como as demais que se encontram nos currículos educacionais,] quando sua prática se apresentar contribuinte à formação do cidadão, enquanto persistirem discursos magoados e práticas desportivas sem coerência, nos distanciaremos cada vez mais.

Para provar as dificuldades de alcançar os objetivos propostos pela instituição – trabalhar o corpo discente feminino para estar em boas condições nas olimpíadas internas –, fiz uma avaliação anterior ao trabalho de ensino aprendizagem dos fundamentos técnicos da modalidade e uma posterior (pré e pós-teste). O resultado alcançado foi uma melhora em relação ao gesto técnico dos fundamentos de toque, manchete e saque por baixo, mas com dificuldades na aplicação desportiva (coletivo). Como é uma modalidade por bimestre, o aluno não obtém uma estabilização e automatização do movimento e, por isso, acaba apresentando os mesmos erros em todas as séries. Dessa forma, há um grande desânimo nas alunas da 7ª e 8ª séries e uma antipatia pela modalidade, por não saberem jogar e acharem difícil a sua aprendizagem, já que precisam repetir os mesmos conteúdos de séries anteriores, como é o caso da 8ª série, em que foi detectado o maior desânimo pela modalidade.

De Rose Jr (2002) descreve alguns problemas da pedagogia do esporte, como é o caso das práticas repetitivas de gestos técnicos em diferentes níveis de ensino. Ele afirma que é “a repetição das mesmas práticas nas diferentes fases do ensino formal, um procedimento observado através do seguinte exemplo: o voleibol praticado na 5ª série é igual ao da 6ª e também ao do 1º colegial” (DE ROSE JR., 2002, p. 91). Esse mesmo autor coloca outro problema, o da fragmentação de conteúdos, em que “o esporte é oferecido de forma desorganizada, sem a continuidade e a evolução necessárias ao aprendizado” (DE ROSE JR., 2002, p. 92).

Existe uma gama de atividades a serem desenvolvidas no ensino fundamental, além dos esportes, como, por exemplo, os jogos cooperativos, recreativos, pré-desportivos, jogos de luta, ginástica, primeiros socorros, cuidados com o corpo na prática de exercícios físicos, caminhada orientada, atletismo, esportes radicais, a dança, a ética, assuntos relacionados com a saúde e qualidade de vida, as drogas, aptidão física, nutrição, debilidades posturais, tudo isso por intermédio de metodologias diferentes, como pesquisas, textos, vídeos, aulas teóricas e práticas.

O esporte nas aulas de Educação Física escolar não pode ser um conteúdo excludente, pois, se trabalhado de forma correta, seja no aspecto metodológico, com materiais adequados e com uma boa didática e número de aulas na semana adequados ao aprendizado, com certeza o trabalho terá resultados significativos para todos, seja para aqueles que gostam da competição, pois ter-se-ia se motivado por alguma determinada modalidade em que se poderão especializar, em algum clube ou até mesmo nos treinamentos desportivos da própria instituição de ensino, seja para os educandos que apenas querem utilizar o esporte como forma de lazer, socialização e promoção da saúde.

CONCLUSÃO

Observa-se mediante esta pesquisa que a modalidade de voleibol trabalhada naquela instituição, nas aulas de Educação Física, não está alcançando os objetivos desejados: a formação de alunos-atletas para competições internas. Apenas as alunas que fazem treinamento é que estão aptas. Infelizmente, verifica-se um número expressivo de crianças que se recusam a participar da modalidade, o que aumenta a estatística de crianças desestimuladas pelos cantos do colégio.

As deficiências motoras e a falta da aprendizagem dos fundamentos básicos da modalidade de voleibol, por não haver um número de aulas suficiente e tempo para o seu aprendizado, são motivos de termos um número significativo de crianças apresentando dificuldades na prática desportiva na modalidade.

Por falta de um melhor desenvolvimento motor na infância, vários educandos acabam se distanciando do esporte, seja por falta de motivação, medo, insegurança, seja por terem dificuldade de

aprendizagem em razão da falta de coordenação motora. Com isso, o desestímulo observado nas aulas de Educação Física, no sexo feminino, quanto à modalidade de voleibol, é bem expressivo.

Tenho convicção de que, por meio de uma Educação Física para todos, os resultados serão compensadores, pois teremos maior número de alunos integrados, motivados e desenvolvendo-se ainda mais em relação aos aspectos motores, mas, também, na questão social e afetiva.

Referências

- BARBANTI, W. J. *Formação de esportistas*. Barueri: Manole, 2005.
- BOJIKIAN, J. C. M. *Ensinando voleibol*. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DE ROSE JR., D. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. São Paulo: Artmed, 2002.
- GARDNER, H. *Inteligências múltiplas*. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/professores/suporteaprof/pedagogia/teoria34multinte.asp>>. Acesso em: 24 jun. 2005.
- GHIRALDELLI JR., P. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2001.
- MATHEUS, D. K. *Medida e avaliação em educação física*. 5. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. *Educação física na adolescência: construindo conhecimento na escola*. São Paulo: Phorte, 2000.
- MEDEIROS, M. *Didática e prática de ensino da educação física: para além de uma abordagem formal*. Goiânia: Ed. da UFG, 1998.
- MEDINA, J. P. S. *A educação física cuida do corpo e mente*. 18. ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- NEIRA, M. G. *Educação física: desenvolvendo competências*. São Paulo: Phorte, 2003.
- PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em:

<<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2004.

REZENDE, R. A linguagem universal do voleibol. In: MONTANDON, I. (Org.). *Educação física e esporte: nas escolas de 1º e 2º graus*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1992. p. 105-106.

SANTIN, S. *Educação física: uma abordagem metodológica da corporeidade*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 1987.

SOLER, R. *Educação física escolar*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

TANI, G. et al. *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: Edusp, 1988.

TUBINO, M. J. G. *O esporte no Brasil, do período colonial aos nossos dias*. São Paulo: Ibrasa, 1996.

VIANANETO, A. A. *Diagnose das práticas desportivas e coordenação motora no ensino fundamental das escolas públicas das cidades de Pires do Rio, Ipameri e Urutaí, circunvizinhas ao CEFET-Urutaí-GO*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Educação Profissional Agrícola) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

WEINECK, J. *Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil*. 9. ed. São Paulo: Manole, 1999.

Abstract: for many people, the sport is synonymous of physical education and that is a constant practice in several schools, because sporting modalities are used as discipline, not as contents of the physical education. This article is result of a research that comes to show the problem of this practice in a private secondary school of Goiânia.

Key words: sport, physical education, development

ALCYR ALVES VIANA NETO

Mestre em Educação Profissional Agrícola (com ênfase em Educação) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Treinamento Desportivo e Técnica em Desportos Coletivos. Professor no Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás e na Universidade Católica de Goiás. Professor de Educação Física.